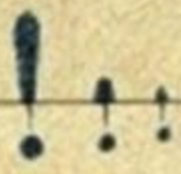


OS. MICOLA U

EM

Y. J. M. A. R. A. N. S.



EM

S. NICOLAU

PYRAMIDES



FESTEJOS grandiosos! luminosos!! pomposos!!! miraculosos!!!! estrondosos!!!! ruidosos!!!! bellicosos!!!! nervosos!!!! e tuberculosos!!!!

COUSAS NUNCA VISTAS!!! COUSAS PYRAMIDAES!!!

Grandesissimas illuminações aereas, invisiveis, a Luiz XIX, muito hygiénicas e commodas para viagens em ba-lão, ou carro de bois, ou automovel!!

Músicas á meia volta, garantidas por deus annos, com um saldo de fazendas de lá, quer dizer, com um saldo de porcas e mazurckas, quasi novas, que eram de 300 reis, e 35!!

Poesias á vara larga, modernissimas, de lá e flanela, digo, em rondilha e alexandrinos, pelos melhores figurinos de Paris, que e o mesmo que dizer, das melhores escolas conhecidas!!

Discursos á lá Imperial, última moda, com torradinhas de manteiga fina, a preços sem competencia!!!!

Improvisos palpitantes, antiquissimos, rotulos azues, três estrellas, approvados e provadissimos pelo Padre Santo e mais santos da corte do

Corridas de touros para adultos, com ellas e sem ellas, conforme o appetite do comprador (cautella com as imitações)!!!!

Foguetes de bala e de cartucho, verdadeiros, inglezes e portuguezis-simos, imitação de Smyth ou fogo central, com carregadeiras pelo lado de traz!!!

Corridas de gericoides, em latim e em grego, com um brinde aos assignantes e aos leitores, fornecido pelos próprios gericos aos povos!!!!

Marchas aux flambeaux, com um X pela frente e outro pelas trazeiras, estylo renascença, de que se darão amostras tanto cá para a capital, como lá para a provincia!!!!

Récitas ao domicilio, por junto e por atacado, com lindas vistas para o campo, arejadissimas, e com quintal e agua de rega!!!!

Vivas: ao S. Nicolau! á Patria! ao Independente! ao abbade de Tagilde! as Caldas das Taipas! ao accordo! á Peregrinação a Roma! á Luz Electrica! ao Jerônimo Sampaio! ao Fado Hylario e ao material dos Bombeiros Voluntarios!!!

Tudo a preços sem competencia e com descontos enormes para os revende-dores!!!!

A's festas! a Ellas!
 Iluminações, palmas, ban deiras, mástros, espectaculos, mascaras, lanças, flo-res, musicas, zabumbas!!!!

Festejos phenomenalisimos! pyramidalicissimos! Extraordinarisissimos! e misericordiosissimos!

2 MEZES DE FESTA! 2 MEZES!
NOVEMBRO E DEZEMBRO!!!

Alto ahí! Nem um passo a mais n'essas fileiras.
Vãe fallar Nicolau. Silêncio nas trincheiras!
Tapôna e mais tapôna a quem soltar um grito.
Quem falla é Nicolau. Silêncio, e temos dito!

—O' vós que tendes sò d'humano o gesto e o peito!
Eu cá sou Nicolau! E se o sou, meu proveito!
Sabendo que este anno a commissão que fica
Me prepara uma festa explêndida, obra rica,
Cheguei-me até cá abaixo, a vêr como isto corre,
Ea sei que o vosso esforço é luz que nunca morre,
E que todos vós sois rapazes da folia.
Mas quero dirigir as festas do meu dia.
Eu tenho andado agora um pouco incommodado.
Se continuo assim, n'este bonito estado,
Nem que seja sómente apenas mais uma mêz,
Nem o Faria então me salva d'esta vêz.
Ando fraco, ando mal, mil cousas me consomem:
Julgo que d'esta vêz é d'uma vêz um homem.
Quero pois muita bulha; a bulha é um bom remédio.
Não ha nada melhor para afastar o tédio.
—As danças, já se vê, do Padre Commissario;
Elle tem para a cousa um geito extraordinário.
Mas que tenha cautella ahí com a piada,
Se não quer que eu rebente, um dia, á gargalhada!
Eu gosto de me rir, que o riso cala os ais;
Mas no anno passado aquillo foi de mais.
Fiz lá em cima no Céu cousas que nem eu sei:
Cantei, pulei, gritei, dançei, berrei, chorei...
Emfim, nem sei que mais, para vergonha minha,
—Se o próprio Padre Eterno ia perdendo a linha!...
Muita cautella, pois, que então, se recalcitra,
Lanço-lhe a excommunição, e não apanha a mitra...
Para evitar questões não quero mais mudanças:
E' o *Maneta* outra vêz quem rege as minhas danças.
Elle é um velhote amigo, e nunca leva caro.
Nunca leva de mais quando não póde, é claro...
—Quanto ao bando, ao pregão, lá está o Arnaldo P'reira.
Elle sabe o que diz, salvo se diz asneira...
Talvez bata de mais, no que é talvez fatal,
Mas isso é genio d'elle, e... não lhe fica mal.
Que não zurza este anno os pobres dos caixeiros,
Que são, no fim de tudo, amigos dos festeiros.
Elles sempre dão massa, e como bem sabeis,
Se lhe ides ao faval não dão nem cinco réis...
E muito mais diria, alem do que é já dito,
Mas tenho que fazer lá em cima, no Infinito.
São horas de jantar, e como estou cansado
D'aqui até lá a casa inda é um bom bocado...
Adeus, pois. O programma, ahí fica em vossas mãos.
Que elle se cumpra á risca, e adeus, ó meus irmãos—

PROGRAMMA

DIA 29

A's sete horas da tarde, hora de solidão,
 Em que o silêncio fáz a côrte à escuridão
 C'uma insistência atróz que é quasi uma doença,
 Estala de repente uma algazarra immensa,
 Como se áquella hora onze milhões de diabos,
 Fortes como leões, gôrdos como nababos,
 Rebentassem da treva enormes, sobrehumanos,
 Depois d'alguma ceia alegre em dia d'annos...
 E Guimarães, que váe metter-se entre lençóes,
 Com essa beatitude angusta dos heróes,
 Retrocede, a tremêr, caminha até à escada,
 Declara com pavôr que não percebe nada,
 Corre a casa, resando, em fralda, quasi núa,
 Vem da rua á janella e da janella à rua,
 E na atrapalhação, querendo pôr cá fora
 Qualquer cousa que tem lá dêntro, áquella hora,
 Vae ao bule do chá que na mezinha alarga,
 E ahi se aninha a um canto—.....
 Entretanto cá fora ha um reboiço enorme,
 E' tarde e ninguem corre: é noite e ninguem dorme.
 Grupos aqui e ali, gente por toda a parte.
 —De quando em quando brilha, ao longe, um bacamarte.
 Aqui e mais além, nos grupos mais remotos,
 Falla-se em furacões, falla-se em terramotos,
 Em tudo o que fáz damno, e gela, e mortifica:
 Em Lisbôa arrasada, em Mancha, em Martinica.
 Ha quem affirme já, n'um repicar de vóz,
 Que os francezes, em massa, avançam sobre nós...
 O Antonio de S. Pedro, ouvindo, acóde logo:
 Levanta-se da cama e váe tocar a fôgo!
 E o Zé Lopes, que julga aquillo algum bruxêdo,
 Bebe um copito mais—para afastar o mêdo...
 Canta por toda a parte esta pergunta má!
 Que será?! que será?! que será?! que será?!
 E o Luiz de Mello vendo o povo em taes apuros,
 Ofrece heroicamente alguns tostões a juro...
 Entretanto a algazarra, agora mais acêza,
 Forma um grupo infinito á porta da Havanêza.
 E então o Zé Pinheiro, o pávido Zé dito,
 Que esteve a examinar os astros do Infinito.
 Apparece ao seu povo, e olympico, profundo,
 Declara com pavôr:—Que váe findar o mundo!...
 Então a confusão engrossa, alastra, augmenta.
 Já não é confusão, parece uma tormental
 Resa-se o *Padre-nosso*, ouve-se a ladainha:

É no entanto ahí, no meio d'essa lucta,
 D'essa revolta enorme, illimitada e bruta,
 Em que o mêdo conquista a alma, palmo a palmo!
 Um homem se conserva intemerato e calmo,
 Vendo estalar ao longe a pálpebra do raio:
 Esse homem vê, e ri; eil'o: é o Sampaio.
 Foi elle quem lançou a pólvora que tómba,
 Sanguinea, explosiva, assim como uma bômba,
 E que ao estalar no espaço, além, perto de si,
 Euche de horrôr o povo... Elle entretanto ri...
 Mas n'isto de repente, ó manes diabretes!
 Estalá uma risada enorme de foguetes,
 Uma risada immensa, explêndida, marmórea,
 Que rebenta a cantar, n'uma ovação de glória,
 E atravessa em tryumpho a abóbada suspensa,
 Como um rio atravessa uma floresta immensa...
 Ao mesmo tempo o céu cúbre-se de esplendôres,
 Desabrocham clarins e espálham-se tambôres!
 Músicas marciaes abrem-se pelo ar,
 Na ância tryumphal d'uma explosão ao luar.
 Então na turba agora intrépida e serena
 E' completa e perfeita a mutação de scena.
 As doidas multidões, impávidas agora,
 Desatam a cantar por essas ruas fora.
 Os homens, as mulheres, os velhos, as creanças,
 Dançam rodas, jogam cantigas, fazem danças!
 Nas praças, nos jardins, nos bêccos, nos lameiros,
 Cantam clarins, rufam tambôres, tocam pandeiros...
 Uma alegria enorme invade as multidões.
 Estalam pelo ar foguetes e balões.
 Entre a paz que flammeja intemerata e calma
 Desabrocham cantando as pálpebras da Alma...
 E tudo em massa, a rir, n'um grupo tryumphante,
 Lá caminha em tropél pela cidade adeante,
 Para vêr *o pinheiro, a força dura e infesta,*
Erguido pela Capa em monumento á Festa,
 Que forte como são todos os mais pinheiros,
 Encontra já descendo a rua dos Palheiros,
 Em tryumpho, entre a fila explêndida dos bois,
 Que marcham devagar, formados dois a dois,
 Olympicos, fieis, quietos, socegados,
 Fôrtes como leões, mansos como soldados...
 E n'essa noite, aqui, na Guimarães moderna,
 Tudo apanha a *taxada*, uma taxada eterna...

DIA 30

Logo de madrugada um movimento enorme
 Arrasta para a rua a multidão que dorme.
 Carros da carne, em fila, irão ao matadouro,
 A galgar pela rua em frémitos de touro,
 'Smagando cada um nas ruas onde passa
 Trinta pessoas só—o que é quási de graça...
 Por um grande obzéquio à nobre Academia
 Os talhos abrirão logo ao romper do dia...
 Das trez horas alem, como é costume velho,
 Feriado completo ás aulas do concelho.
 Surpresas de morrer! Cousas phenomenaes!!!
 A's quatro horas da tarde ahí temos os jorndes;

Porque o comboyo, então, para evitar
Atraza n'esse dia, apenas, quatro horas.
Bandas pyramidaes tocando em contrateo
—O Meira faz prisões para passar o tempo
O Madureira, emfim, faz-se mais accessivel,
E põe sellos á venda, o que parece incrível...
Emfim, para acabar, cousas pyramidaes.
Tudo o que fica dito e ainda muito mais...

DIA 1

Dia um, grande dia! A Hespanha, que d'scamba,
Solta no seu civil um pávido *caramba!*
Um *caramba* tamanho e em tal metal ds vóz
Que atravessa o infinito e chega até *Diós?*...
De tarde, pela rua, e á noite, no theatro,
Comédias, trambulhões... emfim, o diabo a quadro!
Gran peregrinação ao Carmo, ao chafariz,
E marcha au flambeaux com X e sem o X!
Espectáculo de gala em honra dos heróes
Que saltaram no pello, um dia, aos hespanhóes.
Camarotes de graça, o palco e o gallinheiro,
A quem tiver já pago, ahi, ao bilheteiro...
E *s'axam* que inda é pouca a festa d'este dia,
E' só pedir por bôcca á grande Academia...

DIA 2

Logo pela manhã sòsinho no telhado
—Excepto se chovêr, que então fica addiado...
Ao vir do dia, em massa, as lojas abrirão,
Salvo aquellas que só mais tarde é que o farão...
O mano Chafarica e o Costa Queijo, em côro.
Só fazem transacções com objectos d'oiro,
Este dia que é—chamado o da Sciência,
Terminará talvez por uma conferência,
Trabalho em dialecto asiático ou mongólico,
Que o Anacleto fará no Circulo Cathólico?

DIA 3

Dia três! Dia três! Dia três / Dia três!
Má lingua com manteiga á porta dos cafés.
Ao meio dia em ponto, hora que a bôcca encerra,
Tiro ao alvo em Vizella. E o *ser* Almeida Lebre
Em honra d'este dia entra no seu casebre,
De donde sairá na mesma como foi:
Sãosinho como um pêro e forte como um boi?
Um pregoeiro, á tarde, ao echo dos tambôres
Pedirá á cidade, isto é, aos moradôres,
Que á noite, como é uso em noites tão reinetas,
Accênda na janella as clássicas grisetas.
N. B. Essa noite é noite de folia.
Os tascos vendem vinho até ao vir do dia.
E o Padre Santo, qu'rendo encher-nos de clemencias
Concede por favôr cem dias de indulgências
A quem, n'aquella noite, ao sôm da brincadeira,
Apanhar cá no burgo uma tremenda nabeira!...

DIA 4

Dia quatro: o magusto, a posse e a roubalheira,
 Com vivas á taxada, ao roubo e á trincadeira,
 E archotes pela rua, e músicas, e trêtas.
 Grande guerra de morte ás flôres e ás taboletas.
 Estudantes sem capa, armados de cacete,
 Irão á Cruz de Pedra, aos cinco, aos seis e aos sete,
 Aos centos, ás manadas, aos quarteirões, ás dúzias,
 O archote em punho, o pau erguido, as caras buzia
 Eléctricos, febris, a rir e a cantar,
 Cabeça núa, ao vento, a faxa a dar... a dar,
 A reclamar o matto em grande gritaria,
 Que passa em grande festa a rua d'Alegria
 Até chegar enfim em frente do pinheiro,
 —Ahi começa então um trágico berreiro.
 Para d'ahi a pouco, ás 11, ou pouco mais,
 Irem pela cidade em bandos tryumphâes,
 Lançar por toda a parte a destruição e o vácuo,
 —E se alguém lhe refila, apanha p'ra tabaco...
 Quem tiver qualquer cousa á vista, por acaso,
 Um banco, uma cadeira, uma gaiola, um vaso,
 Retire-o da janella e pressuroso tápe-o.
 N'esta noite um estudante é peor do que um larápio,
 Nada se poupa ahi, cousa que cause agrado,
 Lançam-lhe logo a luva, e temos conversado.
 Que este aviso aproveite ás pállidas donzellas
 Que costumam deixar seus melros nas janellas
 Em gaiolas, de noite, onde andam *parasitos*
 Que passam a existência a cubiçar os ditos.
 Menina que deixar de noite o melro á vista,
 Fica sem elle, á certa; e perde na conquista,
 Tão certo como haver no mundo um só destino,
 'Studante, como sabe, é bicho muito fino.
 E se lhe vê o melro a fóra do seu nicho,
 Vae-lhe a elle, menina, e é d'uma vêz um bicho...
 P. S. Resolvêu-se ahi em grupo mago,
 Que o grito de combate, em vez de: *S. Thiago!*
 Como era antigamente, illuminado e terno,
 Se usasse n'essa noite um outro mais moderno,
 Que alem de mais valente, o trágico, e bombástico,
 Fôsse tambem, enfim, mais rico e enthusiástico
 Para a guerra medonha, em que trabalha a unha,
 Esse grito será: A' unha, *Zé da Cunha...*

DIA 5

Eia, caramba! ahi! Ruido, bando, o diabo!
 N'este dia então é, que a porca torce o rabo?

Naquellas co'çssões, sonoras, fumegantes,
Andam pelo infinito a rir e'os estudantes,
Que vestem de setim, de chita e de velludo,
N'esse dia, de tarde, em Guimarães é entrudo?
A' uma hora em ponto, o bando pela rua,
Em que se diz que o Meira anda a prender a lua
É muita mais piada, e muita mais asneira,
Como as só diz, em verso, o nosso Arnaldo P'reira...
Grande bródio com trêta e pandega, aos *pichotes*
Que bebem do verdasco em casa dos velhotes,
É ao terminar o dia, o qual dura e em horas,
Vão-se apanhar maçãs, vermelhas, p'rás senhoras!

DIA 6

Dia seis, último dia; ouvindo as despedidas,
As damas, a tremêr, choram como perdidas,
Indo á janella em flôr que o sôl aquece e doira
Recebêr com saudade a maçãzinha loira.
Depois mais tarde, á noite, as danças Rorizinas,
Fecham com chave d'ouro as festas Nicolinas.
Grrrrande animação até ás quatro e meia,
No Club, Albano Bellino e mais na Assembléa.
Taxada em toda a linha. O intrépido Zé Lopes
Faz brindes em chinêz, doidos como galopes!
No Albano Bellino a cousa chega a mais:
Chócã-se pelo ar brindes pyramidaes.
Rubras como maçãs, as bôccas sobrehumanas,
Riem como clarins, cantam como tricanas,
N'uma alegria doida, eléctrica, seileira.
Pululam sobre a méza os vinhos da Madeira,
Do Porto, de Madrid, da China e do Japão!
Taxada em toda a linha até cair-se ao chão.
E quando, quási ao dia, ao longe, a fresca aurora
Começar a deitar os corninhos de fôra
Então a estudantada, ouvindo a *Portuguesa*,
Reúne-se entre si, despéde-se á franceza,
Traça com elegancia a capa sobre o hombro,
E d'ahi se conduz, n'uns impetos de assombro
Saudar junto ao pinheiro a estátua da Minerva
Que espera lá de cima, assim como uma serva,
P'ra abençoar, sorrindo, os bandos de estudantes,
Alegre como sempre, e bôa como d'antes!...

E assim acaba a festa explêndida e suprêma
Que já o grande Camões descanta em seu poêma
Como festa que deu assumpto á sua *Eneida*,
Com licênça do Meira e mais do Edaurdo Almeida
Do Alfredo Pimenta, e Arnaldo, e outros que táes,
Que dizem, o que é muito, e affirmam, o que é mais,
Que o thêma que gerou os Luziados divinos
Em versos magistráes, vibrantes como sinos,
Fôra... ora vejam lá! um gajo que se chama
Fulano de tal, etc., o *sôr* Vasco da Gama!...
Fiquem sabendo ahi, seus grandes ignorantes!
— Quem elevou Camões fôram os estudantes.
Se o poêma de Camões é um poêma nada mau
Deu-lhe a Academia: Deve-o a Nicolau!
Pois se não existisse o bando, a cavallhada,
Nem havia Camões, nem Luziadas, nem nada!

E fica dito!...